Notas esparsas – Os nomes e história do contato entre os Asuriní do Xingu.

Maria Luiza Rodrigues Souza

Faculdade de Ciências Sociais - UFG

Introdução

De que maneira os nomes pessoais contribuem para a se compreender a construção do passado? Em que medida a rememoração que os vivos fazem de seus mortos está associada a uma cartografia coletiva? Em síntese, estas poderiam ser algumas das questõesque a nominação pessoal entre os Asuriní pode sugerir.

Este pequeno texto tem o propósito de abordar um pouco a prática de se nomear pessoas entre os Asuriní do Xingu. Para isso recorro aos dados de pesquisa que tratou da nominação pessoal e ao modo como essa pesquisa conduziu a perceber uma das variantes de narração do passado.

Os Asuriní do Xingú, ou Asuriní do Koatinemo,se autodenominam *Awaeté*, que significa "gente de verdade" (*Awa*= gente, *eté* = sufixo que dá ênfase como "verdadeiro", "muito".) O nome Asuriní foi dado pelos Juruna e incorporado pelas frentes de atração, e tornou-se o modo como costumam se apresentar aos não índios. Pertencentes à família linguística Tupi-Guarani foram definitivamente alcançados pela “sociedade nacional” em 1971, depois de sofrerem ataques dos Kayapó e dos Araweté, também da região, e de ter sido diminuída drasticamente a sua população. Para se ter uma ideia, eram aproximadamente 100 pessoas em 1971,quando foram contatados pela Prelazia do Xingu, num primeiro momento, e em seguida pela FUNAI; no ano de 1982, estavam reduzidos a cerca de 52 pessoas.

Segundo relatos dos mais velhos, os Asuriní habitaram várias localidades no que hoje compreende a área etnográfica “Médio Xingu”, no Estado do Pará. Tal área é formada por terras indígenas pertencentes a povos de três troncos linguísticos distintos: Tupi (povos Asuriní do Xingu, Araweté, Parakanã, Juruna, Xipaya e Kuruaya), Macro-Jê (povos Xikrin e Kararaô) e Karib (povo Arara).Trago este comentário à tona porque os lugares em que o povo Asuriní construiu aldeias no passado foram abordados, por outras vias e meios, quando eu tratava dos nomes.

Algumas informações sobre a questão demográfica[1]

Segundo fontes diversas em 1930, os Asuriní compreendiam aproximadamente 150 pessoas. Em 1971, são cerca de 100 e, em 1982 chegam ao crítico número de 52. O espectro do desaparecimento muito próximo, portanto. A continuidade do grupo, da socialidadeAsuriní estava diretamente ligada às condições que teriam para se rearticular. Arranjos outros nos esquemas de matrimônio, na quantidade de filhos ideal e em outras formas de continuidade tinham de ser rapidamente articulados.

Estas dinâmicas fazem parte do que a pesquisadora Xanda Miranda (2013) acertadamente chama de "narrativas demográficas". Tais narrativas fazem parte de vários trabalhos desenvolvidos a partir de 1982. Elas evidenciam tensões entre a perspectiva da ênfase nas práticas rituais e xamanísticas, que exigiam a maternidade mais tarde a fim de que as mulheres cumprissem seus papéis nos rituais, ou a maternidade logo cedo. Por vários fatores, houve um recrudescimento da atividade ritual e uma aposta no aumento no número de filhos e no início da maternidade precoce para os padrões antes adotados. Tal direcionamento teve e tem implicações diretas em todas as esferas.

Em 1994, ao elaborar a etnografia "Nomes e História do Contato entre os Asurinído Xingu", acompanhei dados sobre natalidade, mortalidade, casamentos e rituais xamanísticos durante meu período de campo em 88 até 92. As análises demográficas (Souza, 1994: 63) demonstram uma tendência de declínio da mortalidade e aumento da natalidade no final da década de 80, observáveis no númerode mortes e nascimentos por ano, que abrange o período de 1976 a 1992. Abordo a questão da contenção de natalidade, sugerindo que:

> Não se trata apenas de uma ´obediência restrita às regras tradicionais de geração de filhos`, como o interpretou Regina Muller. Entendo que os Asuriní estavam, antes, passando por um momento de retração, de reorganização institucional provocado pelas alterações que sofreram desde as guerras com outros índios, até o desgaste causado pelo contato com a sociedade nacional. O que pude perceber é que a sociedade passa por momentos de retração e expansão (Souza, 1994: 64).

Destaco, por fim, a título de conclusão deste tópico, que, nos anos 1990, me referi ao termo *curumin*, registrando uma observação etnográfica que se mostraria da maior importância. Tratando da nominação Asuriní, apontei que "apenas os nomes voltam"

[1] Esta problemática foi sugerida e discutida por Xanda Miranda em trabalho ainda inédito intitulado"*KunumiRukara*: os terreiros de criança Asuriní", do PPGAS UFSCar, orientado por Clarice Cohn. 2013. Meus sinceros agradecimentos à Xanda Miranda que disponibilizou seu material. Sem isso, uma vez que não disponho dos arquivos de minha pesquisa, este texto não poderia ser escrito.

(1994:102), quando alguém morre, tentará chegar até *Maíra* e, se conseguir, em sua morada receberá um novo nome:

> Não um nome pessoal, mas um **designativo de categoria**: os homens passam a ter o nome de ABABUDJ; as mulheres, KUNANTAI; ecrianças, **CURUMIN**. Os mortos são inseridos em outras categorias, perdem a sua marca individualizadora – o nome – e são reunidos em conjuntos diferenciados dos existentes entre os vivos, são considerados coletivamente, passando a ter existência enquanto categoria múltipla em oposição à sociedade dos vivos (Souza, 1994:102-103).

Trago esta discussão à tona é para realçar a relação entre as alternativas que os Asuriní tiveram de encontrar rapidamente diante da ameaça sofrida pelo contato com a "sociedade nacional" e os sentidos da nominação pessoal. Diante da alteração no número de filhos, muitos nomes retornavam e um esforço maior era exigido em termos da memória que o contato trazia na circulação dos mesmos. Isso porque sempre que alguém falece na aldeia, deve-se mudar o nome dos vivos. Explico melhor a seguir.

Nomes, mortos e memória

Minha curiosidade a respeito da nominação pessoal Asuriní surgiu a partir de uma frase encontrada na tese de doutoramento de Regina Müller[2] que informava haver troca de nomes quando alguém morria na aldeia. Envolvida pelas discussões sobre o papel dos mortos na constituição da pessoa humana, mote fundante da percepção sobre os humanos e não humanos entre povos Tupi, iniciei a pesquisa com um projeto para investigar a nominação pessoal. Para minha surpresa, no início do trabalho de campo,percebi que ninguém queria falar o nome dos mortos. Era-lhes interditado.

Importante para compreender esta dificuldade inicial é a concepção Asuriní de dois princípios: um vital, o *Ynga*, que pode ser traduzido por principio ou substância vital e "que constitui o ser uno/vivente, [sendo] compartilhada por espíritos e humanos" (Müller, 1990:30). Por outro lado, o *anhynga*, que pode ser tomado como uma presença da ausência: "Chamo de vivente não os que têm existência real mas os que possuem *ynga*no sentido de se constituírem seres unos em oposição à noção de dividido, ausente, cujo designativo é *anhynga*" (Müller, 1990:245).

---

[2] Muller, Regina. De como cincoenta e duas pessoas reproduzem uma sociedade indígena – Os Asuriní do Xingu. Tese de doutorado defendida na FFLCH – USP em 1987. Posteriormente transformada no livro Müller, R. A. P. 1990. Os Asurini do Xingu: história e arte. Campinas: Ed. Unicamp.

Numa simplificação *ynga*estaria atado aos vivos e o *anhynga*aos mortos. Estes são ameaçadores. Explico: quando se morre há de se cumprir um trajeto e este, enquanto não estiver totalmente completo, faz de quem morreu um ser que ameaça, por ainda estar entre esferas. São os *anhynga*. Para não atraí-los ao mundo dos vivos, medidas são tomadas. E só a ação dos xamãs pode controlar os *anhynga*. Mais ainda: todos os mortos percorrem um caminho até chegarem à Maira, até a Terra sem Mal. Os xamãs vão tão rápido quantoo grau e a habilidade que demonstravam em vida. Há uma hierarquia entre os xamãs,definida a partir das relações que estabelecem com os seres que lhes permitem articular as esferas. Aqueles como Moreyra, na casa de quem morei durante o período de trabalho de campo, que são *Yagra* (onça), que conhecem os *Tiwá*, jaguares-xamãs, chegam mais rápido, pois já sabem os caminhos, uma vez que neles andavam durante os rituais.

Em relação à nominação, em comum com as praticas de nominação Tupi-Guarani, os Asuriní teriam a renomeação e o retorno dos nomes dos mortos, com a característica de terem uma dimensão histórica. A nominação Asuriní apresenta e evidencia uma noção de tempo pela circularidade – os nomes dos mortos retornam – e pela linearidade – ao voltarem ao mundo dos vivos, carregam memória, fazem "história" (Souza, 1994:166)[3]. Ao nascer, um ou dois nomes que pertenceram a um parente falecido, do lado materno ou paterno, serão outorgados à criança, normalmente pelo pai ou pela mãe. Estes nomes serão usados até mais ou menos 10 anos de idade. Os mais velhos podem possuir mais de dez nomes, pois ao nome que recebem ao nascer são somados outros, conforme os mortos se sucedem, dado que "todo adulto deve passar a usar outro nome quando alguém falece" (Souza, 1994:89).

Os Asurinímudam de nome para esquecer quem morreu. Pronunciar o nome do morto pode atrair seu *anhynga.* Assim, o nome guarda "uma intimidade de coparticipação, de elemento que constitui a pessoa" (Souza, 1994:99) e o morto deve ser afastado do mundo dos vivos:

> Tudo que é do morto deve desaparecer. Nada do que pertenceu ao morto poderá ser usado pelos vivos, apenas seu nome e a lembrança que ele encerra. Sua casa quase sempre é derrubada. Se o morto for do sexo masculino e casado, a viúva continuará residindo com seu grupo de parentes […]. Caso tenha filhos pequenos, um novo casamento será arranjado com homens ligados pelo parentesco com o falecido esposo. (Souza, 1994: 98)

[3] Souza, Maria Luiza Rodrigues. Nomes e história do contato entre os Asuriní do Xingu. Tese de mestrado defendida na FFLCH – USP em 1994.

Diante da morte eminente, o cônjuge mais velho pode indicar um novo casamento para a mulher com um jovem, passando a ser o *jeminga´ara*(aquele que cria para posterior casamento com sua esposa) do escolhido. Quando morre a mulher, o viúvo poderá continuar a morar com os parentes da esposa, pois "há sempre a tentativa do sogro de manter o genro junto ao seu segmento" (Souza, 1994:98). Os nomes estão estreitamente ligados tanto com a esfera dos mortos, quanto com a dos vivos:

> Sejam eles *bawa*(humanos que morreram, afastados, já antepassados) ou *anhynga*(mortos mais recentes, humanos decompostos). Os nomes só circulam porque existem os mortos. É a morte que movimenta a sociedade. A identidade de todos passa, no sentido vida/morte, pela coletividade dos vivos que, ao recuperar os nomes de seus mortos, reconstrói a memória, o tempo e renova as condições para o futuro. (Souza, 1994:90)

Só pude levantar a genealogia dos Asuriní falando com os xamãs que, afastados das casas da aldeia, me diziam em baixo tom de voz o nome dos que partiram.Isso sugere que a regra social pode ser "quebrada", e esses casos excepcionais também são interessantes do ponto de vista etnográfico. É como se em contextos diferentes, diante de sujeitos diferentes, o nome dos que partiram pudesse ser mencionado, mesmo que em baixo tom de voz. Isso porque é através do contato com os espíritos que o xamã promove a unidade do eu, preservando o *ynga*. Ao conhecer os caminhos dos mortos, os xamãs sabem como e onde podem a eles fazer referência, nomeando-os.

No entanto, foi uma senhora bem idosa, que já havia perdido a maior parte de seus parentes mais próximos, quem me indicou, com mais clareza e ênfase, a capacidade de, ao lembrar os mortos (e seus nomes gravados em quem ficou, ou seja, nos vivos), tratar também da memória do contato com outros índios e com não índios.

Numa tarde calorenta e quieta,Tuwá, então com uns dezoito anos e já mãe de dois meninos me procurou. Disse que uma pessoa queria lembrar, queria me ensinar sobre os nomes. Preparei gravador, papel e lápis e aguardei. Tuwá se afastou e foi até a casa de Majyaí, uma solitária e reservada senhora que era, segundo apurei, irmã da mãe da mãe de Tuwá, num parentesco aproximado. Mjyahí chegou em seus mais apurados e preparados trajes, com todos os colares que usou em antigos rituais quando moça e outros adereços obtidos ao longo da vida. Vinha solene e aguardou que Tuwá pousasse um banco para sentar-se em frente a mim, olhando em direção ao rio. Pediu que fosse sendo traduzida enquanto falasse e que eu gravasse sua voz. Queria lembrar:

> Vou começar. Eu pequena, curumim e meu pai me pegou pela mão e fomos embora para outro lugar. O nome dele está agora com outro. Você sabe (e mencionava o nome da pessoa que eu conhecia). Depois, não podíamos ficar. Sem mandioca da roça. Meu pai pegou na minha mão e me levou para – nomeava em Asuriní um rio, um igarapé – e ficamos pouco. Minha mãe, o nome dela voltou e você sabe quem usa agora. Minha irmã deixou o nome para outra pessoa. Saímos de lá e fomos para outro lugar. Bonito, mas tinha medo.

Assim, prosseguiu me falando dos nomes de seus parentes mortos e que agora estavam entre os moradores da aldeia. Foi me contando o nome dos lugares, que às vezes eu conseguia identificar através da tradução. Usou de uma estratégia solene para poder me falar o nome dos mortos: indicava o grau de parentesco e quem é que agora tinha aqueles nomes. Os nomes voltam e com eles, através deles, as lembranças.

Este episódio ilustra como fui sendo levada a notar a importância da lembrança dos nomes pessoais como marcadores da história recente. Nos lugares, nas antigas aldeias que tiveram de ser abandonadas, muitas vezes às pressas, devido aos ataques de outros índios, iam ocorrendo baixas e mortes inesperadas provocadas pelos embates. Só os nomes seguiam.

Em outros momentos pude recolher mais nomes e dados para a genealogia, por exemplo, ao me afastar da aldeia e conversar com algum dos xamãs em espaços de não índios. Lá, a meia voz e entremeadas de narrativas míticas, iam me falando dos caminhos dos mortos, da grande quantidade deles e dos lugares onde tinham morrido. Os lugares, as aldeias do passado iam surgindo em meio à lembrança de quem morreu, sempre informada através da posição genealógica. E quem havia falecido deixava uma vasta lembrança, deixava também, seus nomes.

Algumas conclusões possíveis...

Escrevi (1994: 99) que são os xamãs que indicam quando o nome do morto pode retornar aos vivos, e isso normalmente se dá quando o morto chega à terra de *Maíra*, ainda que não haja "muita concordância a respeito de quem atinge MAIRA entre os Asuriní" (Souza, 1994: 101). Em uma abordagem sobre o número de crianças existentes, que uma década mais tarde poderia ter sido considerada "adultocêntrica", (tanto minha como de outras pesquisadoras) destaquei a relação entre aquelas e o universo de Maíra:

> ...não demoram para chegar, crescem por lá mesmo; talvez por serem 'pessoas incompletas', não totalmente socializadas (...) E aí

> não é o conhecimento xamânico que torna isto possível para elas. Só é possível 'sair' para o cosmos ou com muito conhecimento – maior proximidade com os espíritos ou com a morte; as crianças estariam mais próximas do 'mundo natural' destituídas das marcas do social. Lembremos também que o conhecimento xamanístico (...) está mais próximo das esferas naturais, uma vez que o xamã se metamorfozeia em seres míticos, em seres primordiais que têm a forma física de seres naturais. O veado, a onça, e assim por diante. (Souza, 1994:101-102)

Estamos, em geral, muito habituadas a tomar uma divisão entre o masculino como esfera pública e o feminino como o domínio doméstico. Mesmo que isso seja negado conscientemente, a discussão sobre a memória do espaço territorial, por exemplo, é feita através de evidências que marcam acidentes geográficos e antigas ocupações. Poucas vezes nos damos conta de que através da recordação[4] e dos afetos da lembrança tratados em ambientes da casa, do balançar das redes e nas conversas mais íntimas é possível alcançar um tipo de cartografia especial: aquele que reúne afetos e lembranças. Ao fazerem retornar o nome dos mortos, a socialidadeAsuriní faz da nominação pessoal uma forma de historiar, de marcar espaços e tempos.

[4] Recordar, ativamente com o coração, poderíamos dizer numa brincadeira com a palavra.